



O HATE RACISTA E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO AUDIOVISUAL

Daniel Silva Caires¹

RESUMO: Este trabalho acadêmico, em forma de resumo expandido, busca promover a discussão sobre as reações racistas à crescente inserção do negro nas mídias audiovisuais, em especial no cinema e na televisão estadunidenses, símbolos máximos da chamada Cultura Pop, a qual possui fortíssima influência global, inclusive entre os brasileiros. Ao sopesar a recepção negativa e o forte criticismo a material artístico recentemente lançado por Hollywood, os quais muitas vezes não são relacionados à uma possível baixa qualidade do programa televisivo ou do filme, mas sim à diversidade étnica representada nas telas, a qual é chamada pejorativamente de lacração por espectadores que externalizam seus preconceitos raciais contra os atores ou atrizes escalados para os papéis, percebe-se claramente o nefasto recrudescimento do racismo, costumeiramente oriundo de grupelhos de extrema-direita caracterizados pelo uso constante do discurso de ódio (no vernáculo anglófono, *hate*) nas Redes Sociais. O trabalho ainda procurará expor como tal discurso se propaga no espaço cibernético, além da resposta dos intérpretes ofendidos e dos roteiristas das histórias, com uma metodologia focada na própria pesquisa na internet e seus conglomerados de mídia, local onde esses crimes de ódio efetivamente ocorrem.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Mídia Audiovisual; Discurso de Ódio

INTRODUÇÃO

Historicamente, as representações artísticas seguem um padrão eurocêntrico e excludente. O protagonista, ou o herói é, em via de regra, branco, além de homem, cisgênero e heterossexual. Tal constante segue desde a literatura clássica até a ascensão da Sétima Arte, onde o negro e outras minorias étnicas, quando aparecem, são relegados à segundo plano ou à uma posição vilanesca e estereotipada. Um marco moderno desta questão foi a premiação do Oscar em 2016, que se notabilizou pelos protestos contra a desigualdade racial no cinema, pois, absurdamente, todos os indicados às principais categorias de prêmios eram brancos. Sem qualquer exceção. E tal histórico racista é antigo em *Hollywood*, vide o ocorrido com Hattie McDaniel, primeira pessoa negra a receber uma estatueta (Melhor Atriz Coadjuvante, pela sua atuação em *...E o Vento Levou*), que necessitou de uma autorização especial para adentrar a cerimônia, pois o recinto não permitiria sua entrada.

Contudo, a marcha da luta antirracista nos Estados Unidos, dotada de uma tradição que remonta a Martin Luther King Jr., perpassa por Malcom X, Angela Davis e os Panteras Negras, e que culmina nos protestos após o assassinato de George Floyd, produziu mudanças, ainda que ligeiras, neste *status quo*. A participação dos negros na arte, embora ainda insuficiente, aumenta, com os personagens interpretados por estes saindo da condição de marginalização.

¹ Graduando em Direito. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* Vitória da Conquista. E-mail: danielcaires27@gmail.com



Atualmente, pode-se ver um preto bem-sucedido nas telas, o que era impensável há algumas décadas. E é neste contexto que se inserem séries televisivas como *Anéis do Poder* (Amazon Prime), *A Casa do Dragão* (HBO), *Sandman* (Netflix) e *Percy Jackson* (Disney), todas lançadas ou em pré-produção no corrente ano de 2022. Todas estas obras têm em comum a presença de atores e atrizes negros em papéis relevantes, fugindo do estereótipo de marginalizado ou escravizado. E também compartilham virulentos ataques sofridos nas redes sociais, em um discurso de ódio contra a população negra, baseado em uma suposta fidelidade ao material original, o qual estaria corrompido pela *lacrção*, termo pejorativo utilizado para condenar a inserção de pautas progressistas e de diversidade no cotidiano. Tais discursos serão analisados, um por um, neste trabalho, de forma a contemplar as quatro obras audiovisuais citadas.

OBJETIVOS

Este resumo acadêmico objetiva, por meio de uma análise imparcial e subjetiva das obras supracitadas e de suas recepções pela crítica e o grande público, principalmente o das redes sociais, destrinchar as discriminações raciais presentes no *hate* sofrido por essas séries e filmes e como isto se contextualiza em uma visão de mundo reacionária, a qual é adotada por grupos extremistas organizados no espaço cibernético. Da mesma forma, objetiva discutir o impacto positivo da representatividade emanada em minorias sociais e sua autoestima (no caso específico, os negros), e como este material audiovisual pode ser relevante nesta construção sociológica.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada se baseia em buscas por palavras-chave na *internet* e nas redes sociais (mais especificamente, o *Twitter*), baseando-se em uma pesquisa qualitativa, voltada à análise subjetiva do tema proposto, o qual é dotado de grande sensibilidade social. Serão consideradas as críticas (tanto as construtivas quanto as pejorativas) e os elogios ao material audiovisual supracitado. Tais juízos de valor serão úteis para alcançar as conclusões relacionadas à temática desenvolvida. Outrossim, também será analisado material oriundo de páginas especializadas sobre *cultura pop* e *geek*, as quais prestaram um importante papel no registro das discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a obtenção destes resultados, foi perscrutada a repercussão entre o público a respeito da diversidade étnica e da representatividade negra presente em quatro obras audiovisuais:



Anéis do Poder, A Casa do Dragão, Sandman e Percy Jackson. A seguir, procedem-se as análises respectivas, divididas em subtópicos:

Anéis do Poder: Entre todas as séries citadas, é a que cuja diversidade racial de personagens mais obteve repercussão e críticas. A obra de alta fantasia, derivada da aclamada saga de livros *O Senhor dos Anéis* (J. R. R Tolkien), se passa em um mundo lendário conhecido como *Terra-Média*, onde habitam seres como elfos, anões, dragões e *orcs*. Dentre os personagens negros na obra, se destacam o elfo *Arondir* (Ismael Cruz Córdova), a princesa-anã *Dísa* (Sophia Nomvete) e a rainha *Tar-Míriel* (Cynthia Addai-Robinson). Lamentavelmente, tais intérpretes sofreram ataques racistas, com as alegações de que elfos e anões seriam criaturas da mitologia nórdica, logo, atores negros seriam inadequados para os papéis. Abaixo, a transcrição de comentários encontrados no *Twitter*:

“(...) Estou assistindo, como pode ter elfo negro? É lacração (sic) mesmo (...)”

“(...) Lacração total! Elfo negro, mulher empoderada, guerreiros frouxos (...)”

A Casa do Dragão: Série da HBO derivada do fenômeno mundial de audiência *Game of Thrones*, também possui atores negros interpretando personagens importantes. A casa *Velaryon*, segunda família mais importante dos Sete Reinos (nação fictícia onde o programa se passa), é constituída por pessoas de fenótipo negro, inclusos o poderoso patriarca *Lorde Corlys* e o príncipe-consorte *Laenor*. O ator Steve Toussaint, intérprete de Lorde Corlys, rebateu declarações discriminatórias e insatisfeitas com sua escalação para o papel dessa forma:

“(...) Por alguma razão, é muito difícil para as pessoas engolirem. Elas estão felizes com dragões voando. Estão felizes com cabelos platinados e olhos cor de violeta, mas um homem negro rico (...)”

Sandman: Sucesso da Netflix derivado das histórias em quadrinhos da DC Comics, *Sandman* se notabilizou pela grande diversidade em seu panteão de personagens, com muitos sendo negros, LGBTQIA+ ou não-binários, o que gerou uma enxurrada de *hate* nas redes sociais: Dentre as personagens negras, se destacam a entidade *Morte* (Kirby Howell-Baptiste) e bibliotecária *Lucienne* (Vivienne Achaempong). Abaixo, segue comentário preconceituoso encontrado no *Twitter*:

“(...) Assisti *Sandman* e simplesmente estragaram a série com um monte de lacração (...)”

Neil Gaiman, autor dos quadrinhos originais, respondeu às críticas dessa forma:

“(...) Não dou a mínima para quem não entende ou não leu a HQ e reclama sobre *Desejo* não-binário ou sobre a *Morte* não ser branca o suficiente (...)”



Percy Jackson: Após uma malfadada adaptação cinematográfica, a Disney adquiriu os direitos da série *best-seller* de livros *Percy Jackson e os Olimpianos*, cuja nova adaptação será em formato de série, a ser lançada em 2024, já estando em pré-produção. A escolha de Leah Jeffries, uma criança negra, para interpretar *Annabeth Chase*, uma das protagonistas nos livros, gerou críticas e discurso de ódio contra a jovem atriz, já que no material original a personagem é de etnia branca. Sua conta no *TikTok* chegou a ser derrubada devido ao alto número de ataques. Leah rebateu os *haters* em entrevista:

“(...) Para quem está me odiando, pare de fazer isso. Eu sei que você acha que isso vai me machucar. Não vai! Você está apenas perdendo tempo. Ainda estou confiante. Todos os outros estão confiantes. Todos os outros estão felizes por mim. Então não tentem me derrubar. Não vai funcionar. (...)”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta o contexto histórico-cultural das produções audiovisuais estadunidenses, as relações e tensões étnico-raciais naquele país, a influência que sua cultura de massa tem ao redor do mundo e o crescimento da representatividade negra nestas obras, percebe-se uma nítida evolução em prol da igualdade, ainda que com contradições, falhas e muito a se avançar. Essas conquistas devem-se, sobretudo, a influência dos movimentos sociais e de sua contínua luta antirracista (tal como demonstrado no episódio envolvendo o assassinato de George Floyd). Tais questões, pela supracitada influência da *Cultura Pop*, também envolvem o Brasil, nação também marcada pela discriminação e desigualdade raciais e na órbita, seguindo aos padrões da globalização, desta mídia *ianque*.

Contrapondo-se a isso, nota-se o recrudescimento de um discurso de ódio oriundo da nova extrema-direita, cujo caráter neofascista, consoante às definições de Umberto Eco em seu opúsculo *O Fascismo Eterno*, se revela no repúdio à diversidade e no culto à imagem de um homem branco e viril, que estaria perdendo espaço para a *lacrção* da esquerda política. Para dirimir tal violência discursiva, urge não se submeter a ela. Insistir na propagação da representatividade negra e sustentar o caráter progressista destas mudanças é o único caminho rumo à redução das discriminações e preconceitos raciais e étnicos nas mídias audiovisuais, o que, consequentemente, reflete positivamente no combate ao racismo na própria sociedade, seja na estadunidense, brasileira ou de qualquer nação.

REFERÊNCIAS



Oscar 2016: Grupo protesta contra ausência de negros entre indicados. **G1**. São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2016/noticia/2016/02/oscar-2016-grupo-protesta-contr-ausencia-de-negros-entre-indicados.html>. Acesso em 03 nov.2022

GUIMIL, Eva. Hattie McDaniel: a cruel história de uma atriz que ganhou um Oscar e desafiou a sociedade. **El País**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576235728_595044.html. Acesso em 03 nov.2022

GARÓFALO, Nico. O Senhor dos Anéis | Comentários racistas traem obra de Tolkien, diz showrunner. **Omelete**. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/o-senhor-dos-aneis/os-aneis-de-poder-showrunner-comenta-racismo>. Acesso em 03 nov.2022

CARNEIRO, Raquel. A resposta do ator de ‘A Casa de Dragão’ atacado por racistas. **Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/a-resposta-do-ator-de-a-casa-de-dragao-atacado-por-racistas/>. Acesso em 03.nov.2022

Autor de ‘Sandman’ responde brasileiros sobre críticas à série: ‘nunca leram’. **Metro**. Disponível em: <https://www.metroworldnews.com.br/entretenimento/2022/08/11/autor-de-sandman-responde-brasileiros-sobre-criticas-a-serie-nunca-leram/>. Acesso em 03.nov.2022

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Disponível em: <https://deusgarcia.files.wordpress.com/2018/06/eco-o-fascismo-eterno.pdf>. Acesso em 03.nov.2022